

A PARTICIPAÇÃO NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO E INTERCÂMBIO VIRTUAL

CAROLINA DE MACEDO MARTINS¹; **LETÍCIA GARCIA SILVA²**;
LETÍCIA FONSECA RICHTHOFEN DE FREITAS³

¹*Universidade Federal de Pelotas – carolina-mmartins@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – leticiagarcia.cont@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – leticia.freitas@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

No início do ano de 2020, os protocolos sanitários fizeram-se necessários em razão da pandemia. Consequentemente, a educação teve de se reestruturar não apenas uma vez, visto que não permaneceu do mesmo modo desde o surgimento da *Covid-19*. Em princípio, foi definido um recesso, que logo se estendeu, fazendo com que as instituições tivessem que se readaptar. Depois de um certo tempo algumas optaram por envio de material físico e outras começaram o período de Ensino Remoto Emergencial (ERE), como é o caso da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Como o período de pandemia ampliou-se, além do prazo esperado inicialmente, novas possibilidades tiveram que ser pensadas, levando em consideração a realidade de alunos e professores, bem como o acesso às tecnologias.

Diante dessa situação de pandemia, o objetivo deste trabalho, a partir de uma comparação entre o ERE no Brasil e no Uruguai, é problematizar a participação dos alunos em atividades síncronas. Para isso, em um primeiro momento tentaremos definir ‘participação’ e falaremos da diferença entre o ERE e o Ensino a Distância (EaD), logo narraremos nossas experiências no Brasil e no Uruguai, fazendo uma comparação entre a participação nos dois países e por fim iremos propor reflexões e propostas sobre a participação no ERE.

2. METODOLOGIA

Este trabalho surgiu de nossa experiência como alunas do ERE na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), consolidando-se durante o Estágio de Observação em Língua Portuguesa e a participação no Programa de Intercâmbio Virtual na *Universidad Federal de la Republica* (UDELAR).

O Estágio de Observação de Língua Portuguesa foi realizado na turma de Técnico Integrado em Eletrônica do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul - Campus Pelotas). Foram observadas oito aulas síncronas no período de 13 abril a 1º de junho de 2021 por meio da plataforma RNP. Além das observações, foi realizada uma pesquisa diagnóstica a partir de uma conversa direcionada por um questionário com o professor regente da turma. Durante a conversa perguntamos ao professor: “*diante do contexto atual, os alunos são avaliados por participação?*” e ele nos respondeu com a seguinte pergunta: “*mas o que seria a participação no ERE?*”, questionamento que deu início à discussão apresentada neste trabalho.

O intercâmbio na UDELAR foi realizado no primeiro semestre de 2021, neste foram cursadas as seguintes disciplinas: *Antropologia Social I - Etnologia General, Realidad Educativa Nacional e Español para estudiantes de intercambio*. As três eram ministradas por um professor regente e um auxiliar. No início do semestre as



plataformas utilizadas para aulas síncronas eram: *Big Blue Button* e *Cisco Webex Meetings*, depois houve uma troca para o *Zoom*.

Percebemos que a participação dos alunos em aula síncrona no Uruguai não ocorria da mesma forma que no Brasil e se levarmos em conta a forma como os alunos da UDELAR participam no Brasil sequer haveria participação dos alunos. Diante desta diferença, vemos a necessidade de comparar a participação dos alunos nas aulas síncronas de ERE nos dois países, conforme nossas observações, para que possamos compreender o motivo da falta de participação dos alunos no ERE no Brasil.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de começarmos esta discussão é necessário definir ‘participação’, que geralmente está associada à participação social e política, pensando em ambientes que promovem democracia e liberdade de expressão. Em sala de aula, a participação também ocorre vinculada a essas questões, uma vez que o posicionamento, a reflexão, a interação, a realização de atividades, a presença em sala de aula, a discussão e a construção de opinião própria fazem parte de um ato político-social dentro e fora da sala de aula.

Com relação à participação escolar, com base nas considerações de GUERRA (apud REBELLO, 2010), existem duas formas de participação, sendo uma relacionada à interação entre educando e educador e a outra a decisões de gestão e organização da instituição como um todo. Consideraremos a primeira forma de participação, a qual ocorreria em sala de aula.

Na modalidade presencial, imagina-se que era mais fácil determinar a participação, por exemplo, por meio de ações do aluno, como: levantar a mão, questionar, concordar, discordar, realizar todas ou a maior parte das atividades, etc. Por outro lado, no EaD, a participação pode ser vista quando o aluno publica em fóruns, comenta nos trabalhos dos colegas, marca horários com o tutor, comparece ao polo para realizar avaliações, conclui os módulos, etc.

Levando-se em consideração que o ERE surgiu em momento de pandemia, de forma emergencial e sem um planejamento prévio, diferente do EaD, que possui planejamento e ambiente de aprendizagem predefinido (COQUEIRO; SOUSA, 2021), surgem três questões a serem analisadas nesta modalidade de ensino relacionadas à participação do aluno em aulas síncronas: como definir a participação no ERE; como controlar a participação do aluno e como motivá-lo para que participe das aulas. Cabe ressaltar que no atual momento do ERE no Brasil ainda não se chegou a um acordo sobre a participação dos alunos tanto em atividades síncronas, “em que é necessária a participação do aluno e professor no mesmo instante e mesmo ambiente” (DA SILVA, 2018, p. 3), como em assíncronas, em que o aluno pode acessar aulas e materiais quando quiser.

Normalmente, na modalidade ERE no Brasil apenas o professor utiliza a câmera e o microfone, raramente algum aluno faz o mesmo, somente se sugerido em apresentação de trabalho. Durante a observação do estágio, a participação na aula síncrona se dava por meio do *chat*. Os alunos utilizavam-no para cumprimentar ao início e ao final da aula - apenas uma vez um aluno ligou o microfone para fazer uma pergunta pontual; poucas vezes fizeram perguntas no *chat* sobre o conteúdo. Podemos levar em consideração a instabilidade da plataforma ou da internet utilizada pelo aluno. Entretanto, essas questões são possíveis de serem solucionadas, uma vez que “para que a participação seja concretizada de forma efectiva é necessário haver estruturas que conduzam a essa participação”



(REBELO, 2010, p. 31). Contudo, não se faz necessário que o aluno ligue a câmera e o microfone para comprovar participação, mas que comente sobre temas propostos, por meio do *chat*, quando em aula síncrona.

Analisemos agora as aulas da UDELAR: as três disciplinas ocorriam de forma síncrona duas vezes por semana tendo uma duração em média de duas horas cada. Em *Antropologia Social*, além das leituras obrigatórias, era enviado, meia hora antes da aula iniciar, um material complementar o qual conduziria a discussão - isso faz com que os alunos tenham uma organização, pois já terão aquele momento para se dedicar à leitura ou à visualização de vídeo. Se o material fosse enviado uma semana antes, possivelmente alguns deixariam para “ler depois” ou esqueceriam de ler. Em *Realidad Educativa*, o material sempre era disponibilizado antecipadamente e explicado em aula síncrona, sendo reservado um tempo para debate e questionamentos durante e também ao final, fazendo com que as aulas não fossem uma exposição. Nas aulas de *Español para estudiantes de intercambio*, a professora sempre propunha temáticas que poderiam dividir opiniões e perguntava aos alunos se eles concordavam ou não, além de questionar se estavam de acordo com a opinião dos outros colegas, fazendo que houvesse uma interação e um retorno do já dito.

Na UDELAR, os *slides* apresentados em aulas geralmente não eram disponibilizados para os alunos e a gravação das aulas era optativa por parte de cada professor. Em ambas as turmas os alunos utilizavam suas câmeras e microfones, sendo necessário utilizar uma ferramenta que indica que se está “levantando a mão” para ordenar a participação. Em outras turmas, alguns professores utilizam uma ferramenta que possibilita fazer *quiz* durante a aula, então cada aluno marca uma alternativa e logo aparece o resultado. Devido a isso o professor imediatamente tem acesso a quais alternativas cada aluno marcou. Dessa forma, ele pode constatar quais alunos estão efetivamente entendendo e realizando as atividades de forma simultânea.

Com base na descrição das duas experiências, podemos refletir que a participação dos alunos no Brasil no ERE, levando em consideração nossas observações tanto de estágio como das aulas em que estávamos matriculadas, não ocorre de forma tão efetiva e satisfatória como no Uruguai, conforme foi relatado sobre a experiência do Programa de Intercâmbio Virtual na UDELAR. Ressaltamos que a participação não depende apenas de como o professor organiza e ministra suas aulas, mas também da motivação do aluno e sua relação com o curso/disciplina. Para que essa participação se efetive “os alunos, por exemplo, devem participar e aprender a participar, o que acaba por interferir quer na qualidade das aprendizagens que realizam, quer no âmbito do projeto de formação pessoal e social que lhes diz respeito” (REBELO, 2010, p. 32).

4. CONCLUSÕES

Nesse um ano, o ERE no Brasil ainda não está consolidado, ou seja, algumas instituições fizeram adaptações da modalidade EaD sem os alunos saberem se organizar e terem autonomia de estudo, enquanto outras apenas migraram da modalidade presencial para a *on-line*, sem adaptar materiais ou horários de aulas, ou seja, se no presencial o aluno tinha aula das 13h às 17h, no ERE ocorreu da mesma forma, mantendo a mesma sistemática das aulas presenciais.

Percebe-se que a participação no ERE ainda não foi pensada como prioridade ou investigação. Ela deveria ser considerada partindo da pergunta: por que o aluno não está participando e como faço para que ele participe? Isso faria com que o



professor pensasse em novas metodologias e maneiras de ensinar. Para isso, temos que ir além do ‘porquê’, pensar sobre o ‘para quê’: para que participar? Qual o motivo desta participação? Consideramos que o ponto inicial seria o “aprender a aprender”, uma vez que os alunos tiveram que se readaptar a uma nova forma de estudo (o ERE). Portanto, seria importante que antes de começar a ter aulas nesta modalidade de ensino o aluno soubesse como o ERE funciona e como organizar seus estudos e seu tempo nesta nova modalidade de ensino.

Diante do exposto, entendemos que participação deve ser uma importante e prioritária pauta para o ensino, uma vez que torna a aula mais interativa; faz com que os alunos não abandonem a aula síncrona no início ou na metade; diminui a desistência, pois o aluno se sentirá parte do processo educativo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COQUEIRO, N.; SOUSA E. A educação a distância (EAD) e o ensino remoto emergencial (ERE) em tempos de Pandemia da Covid-19. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba. v.7, n.7, p. 66061-66075, jul. 2021.

DA SILVA, R. **Diferenças entre ferramentas síncronas e assíncronas no EAD**. EADBox. 8 fev. 2018. Acessado em: 12 jul. 2021. Disponível em: <https://eadbox.com/ferramentas-sincronas-e-assincronas/>.

REBELO, M. **A participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem**. 2010. Dissertação (Mestrado em 2º Ciclo Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto.